

A FENOMENOLOGIA HENRYANA E O CONCEITO DE VIDA ATRAVÉS DA AFETIVIDADE

Érica da Silva Martins¹

RESUMO: O presente artigo visa trabalhar o tema do conceito de vida via afetividade sob o viés da Fenomenologia da Vida desenvolvida pelo filósofo francês contemporâneo Michel Henry². Um pensamento que é considerado como uma nova e ousada abordagem da filosofia pelo fato de que se propõe a revisar a fenomenologia conhecida até então, para assim apontar uma nova maneira de se abordar, sobretudo, questões concernentes à vida em sua originariedade. Destarte, o que busca M. Henry em sua empreitada não é desenvolver um novo método fenomenológico, mas tratar de uma fenomenologia que primeiramente vá de encontro com a vida no instante em que é vivida e experimentada, afim de radicalizá-la e dessa maneira afastar-se de tudo possa vir a reduzi-la ou descaracteriza-la em sua manifestação pura. Pois se doa como uma autonomia, mas é ao mesmo tempo passiva com relação a si por conta de sua dimensão afetiva. Através dessa relação de unidade da vida, em que ela se sente e advém como sofrer e fruir de si, para o qual a vida é sua paixão (*páthos*), a experiência mais originária é realizada como autoafecção. É proposto então, a busca por uma verdade primeira da vida de maneira acósmica e sem exterioridade de si.

Palavras-Chave: Vida; Afetividade; Autoafecção.

ABSTRACT: The present article aims to work on the theme of the concept of life through affectivity under the bias of the Phenomenology of Life developed by the contemporary French philosopher Michel Henry. A thought that is considered as a new and bold approach to philosophy because it proposes to revise the phenomenology known hitherto, in order to point out a new way of addressing, above all, questions concerning life in its origin. Hence, what Henry seeks in his work is not to develop a new phenomenological method, but to deal with a phenomenology that first meets with life the moment it is lived and experienced, in order to radicalize it and in this way everything can reduce or de-characterize it in its pure manifestation. For it gives itself as an autonomy, but is at the same time passive towards itself because of its affective dimension. Through this relation of unity of life, in which

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UFSM. Orientador Prof. Dr. Silvestre Grzybowski. ericasilva_martins@hotmail.com.br .

² Michel Henry nasceu em 1922 em Haiphong (Vietnam), doutorou-se na Universidade de Lille, atuou na Resistência durante a Segunda Guerra. Entre 1960-1987 foi professor titular da Cadeira de Filosofia da Universidade de Paul Valéry, em Montpellier. Professor convidado da Ecole Normale Supérieure e da Sorbonne em Paris, da Universidade Católica de Louvain, da Universidade de Washington (Seattle) e da Universidade de Tokyo. Faleceu em 2002 (PRASERES, 2014, p.149).

it feels and comes to suffer and enjoy itself, for which life is its passion (páthos), the most original experience is realized as self-affection. It is proposed then, the search for a first truth of life way and without externality of self.

Keywords: Life; Affectivity; Self-affection

INTRODUÇÃO

Um dos pressupostos para a fenomenologia desenvolvida pelo filósofo francês Michel Henry é tratar do conceito de vida. Tal proposição parte justamente do questionamento sobre a significação desse conceito, isto é, *o que é isso que chamamos de vida?*³ Como tarefa da filosofia, cabe então desnudar e retirar esse conceito da indeterminação pela qual a significação da palavra “vida” foi subjugada ao longo da tradição filosófica. O que é interrogado através de tais afirmações é precisamente a profundidade e a originariedade desse conceito, de modo que é fundada através de M. Henry a Fenomenologia da Vida. O seguinte termo colocado em questão não deve ser pautado no sentido de fenômenos específicos como os da psicologia, da biologia ou no caso da crítica proposta aqui, da consciência pela fenomenologia, de maneira que tais fenômenos pressupõem a vida como o que os constitui primordialmente.

Mas o que a fenomenologia henryana concebe afinal como sendo vida? Fica então reafirmada a necessidade de uma onto-fenomenologia, pois conforme M. Henry, *viver significa ser*⁴, isto é, a vida é que designa o próprio ser, como sua identidade, sem que possa ser confundida com os fenômenos mundanos que são constituídos somente após ela. Daí surge a crítica henryana a respeito do que a ciência propôs até então, sobretudo, a partir da modernidade, confirmando que o conhecimento científico passou a se distanciar do que é a vida essencialmente, ou seja, essa identidade primordial, retendo-a no que pode ser chamado de uma exterioridade. Todavia, essa mesma exterioridade não deve aqui ser tomada somente como uma noção de espacialidade ou de temporalidade, mas na fenomenologia como o que se revela em um horizonte transcendental tendo como resultado a saída para um fora de si, ou seja, em uma *ék-stasis*. Diante disso, eis aqui algumas definições dentre muitas oferecidas pela filosofia, em que vida é:

³ HENRY, 2011, p. 199.

⁴ HENRY, 2011, p. 199.

Característica que têm certos fenômenos de se produzirem ou se regerem por si mesmos, ou a totalidade de tais fenômenos[...] Desde a Antiguidade os fenômenos da Vida têm sido caracterizados com base em sua capacidade de autoprodução, vale dizer, com base na espontaneidade com que os seres vivos se movem, se nutrem, crescem, se reproduzem e morrem[...] com Descartes e Hobbes, surgiu o conceito mecanicista da Vida e começou-se a comparar o homem e, em geral, o organismo vivo a uma máquina bem montada, o conceito de Vida não mudou, visto que a hipótese mecanicista era inspirada aos filósofos exatamente pela crença de que “os autômatos podem mover-se por si” (DESCARTES, *Traité de l’homme*, p. I; HOBBS, *Leviath.*, I, Intr.). O que se negava neste caso era a identidade entre alma e Vida.: assim, considerava-se possível que a mesma matéria corpórea, em certas formas de organização, teria condições de mover-se ou de se desenvolver-se por si[...] por Kant,... este afirma que “a Vida é a capacidade de atuar segundo a faculdade de desear”, entendendo por faculdade de desear “a faculdade de, por meio das representações, ser causa dos objetos dessas representações” (Crít. K. Prática, Pref., anotação; *Anfangsgriinde der Naturwissenschaft*, III, teor. 3, anotação) [...] a tendência da ciência moderna nas pesquisas biológicas continua sendo marcada pela cibernética e pela bioquímica (cf., p. ex., MONOD, *Le hasard et la necessite*, 1970, cap. II).⁵

Para além de tais definições, segundo o que apresenta M. Henry como base inicial para sua elaboração, a filosofia do alemão Edmund Husserl foi da mais extrema importância para a conceituação da vida. Pois a partir de tal método se ousou desafiar a redução da subjetividade provocada através da ciência moderna, de modo que, conforme Rosa⁶ “a Fenomenologia permitiu recuperar a subjetividade transcendental e, nesse sentido, recuperar o mundo como um mundo humano, intencionalmente constituído e investido de significado”. Contudo, Henry afirma que a fenomenologia ainda não havia alcançado o objetivo de ir até às últimas possibilidades, portanto, é reconhecida a necessidade de aprofundá-la ou como a Fenomenologia da Vida coloca, é preciso radicalizá-la:

Qual é, então o objeto da fenomenologia? A fenomenologia é a ciência da essência dos fenômenos, isto é, da sua fenomenalidade pura. Por outras palavras, a fenomenologia não considera as coisas mas a maneira como elas se nos dão, o seu modo de doação, não os objetos, como diz Husserl no Suplemento VII

⁵ ABBAGNANO, 2007, 1002, grifo nosso.

⁶ ROSA, 2006, p. 09.

do g 39 das *Lições* de 1905, sobre o tempo, mas os “objetos no como” (*Gegenstande im Wie*), isto é, no “como” (modo) da sua doação. Todavia urge ser mais radical: a bem dizer, a fenomenologia não considera os objetos no “como” da sua doação: abandonando os “objetos”, ela examina esse “como” enquanto tal, a própria doação, o aparecer. Ora, esse aparecer deve aparecer enquanto tal. Pois, se ele não aparecesse, nada poderia aparecer.⁷

Na busca pelo aparecer enquanto tal, segundo Henry, este continuou a ser caracterizado até então pela fenomenologia em geral como exterioridade, colocando a subjetividade do sujeito na mesma condição fenomenal que os objetos do mundo, ou seja, um correlato intencional manifesto como representação, por consequência dessa abordagem, a fenomenologia é continuamente reconduzida à essa dimensão de exterioridade. Residindo somente nesse fora de si quando reduzida à representação, como M. Henry afirma que “a existência perdeu-se quando o que lhe confere a efetividade não reside mais nela, mas precisamente fora dela, em sua própria exterioridade em relação a si”⁸, contrariamente para a fenomenologia henryana a vida primordialmente permanece em si mesma, ela não reside em um fora de si suscetível de ser visada teoricamente ou sensivelmente como um objeto de uma ação nesse horizonte de transcendência.

Porquanto, uma das críticas do pensamento henryano a esse reducionismo, é que a própria fenomenologia se ocupou tanto em tratar da consciência e sua forma de elucidação, que negligenciou a vida em sua originalidade e seu modo fundamental de manifestação. Posto isso, diante da problemática que vem sendo exposta a partir de M. Henry é atestada a urgência de uma fenomenologia radical da vida, e para tal realização é proposta a inversão da fenomenologia como um aprofundamento do que vinha sendo proposto. Para tanto, a fenomenologia henryana ao realizar tal inversão procura não reter sua proposição em uma obsessão pela evidência, pelo que pode ser determinado a partir do movimento de um olhar intencional. Mas o que busca é seguir por um caminho diferente ao que propôs a fenomenologia até então, contudo, sem deixar de lado a importância e o fundamento para o qual esse método se propõe.

⁷ HENRY, 2008, p. 02.

⁸ HENRY, 2011. p. 204-205.

1. CRÍTICA HENRYANA E O CONCEITO DE VIDA AFETIVA

Diante de tais proposições apresentadas a respeito da tradição na fenomenologia, e a partir dos pressupostos básicos estabelecidos pelo monismo ontológico, a essência foi sendo apontada como transcendência⁹, e essa realidade seria manifesta no horizonte como o lugar que forma e da mesma maneira em que se opõe a ela mesma. Contudo, essa mesma oposição não seria uma oposição real, pois ao mesmo tempo em que se opõe, a transcendência ainda precisará de um horizonte para que possa se manifestar nesse contexto, de forma que este se mantém junto a ela por mediação de uma receptividade. Sendo assim, em uma breve exposição do conceito, a receptividade do horizonte é do mesmo modo sua manifestação nessa união entre oposição e recepção. Porém se como foi apontado no esclarecimento a respeito da fenomenalidade pura, isto é, na forma como advém por meio da manifestação do horizonte, se colocará então o problema da elucidação da receptividade como a maneira de compreender em sua estrutura interna a *Selbständigkeit* (Autonomia) dessa essência, pois conforme M. Henry sua necessidade se dá de tal modo que:

O problema da receptividade tem uma significação ontológica pura. O caráter ontológico desta resulta da associação a essência do que se trata de receber. O que se trata de receber, de fato, não é o ente, mas o meio fenomenológico puro em que o ente pode manifestar-se, isto é, ser recebido. Esse meio puro em que o ente é suscetível de mostrar-se não pode, ser denominado por nós um meio “fenomenológico” a não ser na medida em que é recebido. Porém, a receptividade não é somente ontológica porque o conteúdo que recebe é *um conteúdo ontológico puro*. Enquanto que precisamente o recebe, isto é, em sua natureza mesma, a receptividade é ontológica como constituindo o mais essencial que há na essência mesma.¹⁰

De maneira que a receptividade enquanto ontológica, possui um caráter primordial para a essência pura da manifestação, pois assegura a coerência interna dessa essência que se objetiva sob a forma de um horizonte mantendo-o

⁹ Enquanto esta essência é interpretada como a da transcendência, a fenomenalidade efetiva, pura, que ela promove, deve, como tal, ser finita. O ente que se manifesta pela mediação desta essência é finito também, seja ou não criado pelo poder do conhecimento, isto é, por esta essência mesma. Em todos os casos, é um ente que se manifesta dentro do horizonte finito do ser (HENRY, 2015, p. 174, tradução nossa).

¹⁰ HENRY, 2015, p. 171.

junto de si. Apesar de ser essencialmente ontológica, a receptividade, ainda assim, por meio dessa objetivação trata de permitir a recepção do ente como objeto. Tal que essa orientação do conhecimento ôntico por um conhecimento ontológico conforme M. Henry aponta com mais força ainda para o problema da receptividade. Se coloca então a questão de como é possível este ente enquanto finito conseguir manifestar-se senão for por meio de uma essência pura e originária que o manifeste em um horizonte finito do ser?

E ainda, dentro da problemática da essência da manifestação, nessa relação em que a transcendência forma tal horizonte como o seu fundamento, como essência da manifestação M. Henry propõe que ainda deve-se buscar uma verdade mais original. Desse modo, pode-se concluir que tal fundamento escapa da tentativa de resolução desta problemática através da compreensão da transcendência como princípio, de modo que ainda a transcendência não é fundada em si mesma, pois, é formada na ausência da própria transcendência. O ato original e fundador se dá com independência desse movimento para fora, se revela em si mesmo sem sair de si, como uma imanência em essência, pois conforme a tese henryana apresenta, um horizonte de transcendência vem a ser desdobrado somente a partir de uma forma de manifestação mais originária.

Logo, não é possível pressupor uma manifestação que seja distinta da maneira de mostrar-se de uma vida primordial. Tal que, na Fenomenologia da Vida o que é nomeado como o modo de revelação originário se dá como uma Vida em afetividade e que Henry apresenta como sendo o mais radical. Nela não existe distância, ou seja, essa fenomenalização primeira é efetivada através de termos que a caracterizam como sendo uma autoafecção, uma autorevelação, e uma autodoação¹¹, por meio desse movimento que a vida exerce sobre si mesma. O que deve ser elucidado então é precisamente o que se coloca como o caráter originário da manifestação, isto é, o que é a essência da manifestação nela e por ela mesma.

Para M. Henry a vida se constitui primeiramente em uma dimensão nomeada como “invisível”, de maneira que está impossibilitada de ser reduzida e captada por uma determinação da visibilidade. Esse modo invisível da vida como pertencendo à sua manifestação própria e de fundamento, difere definitivamente do desvelamento que a consciência possibilita em todos os seus modos de

¹¹ Está doação, esta manifestação unitária de si desde si, isto é, a retrorreferência própria da manifestação originária, é o que designa o prefixo “auto” que aparece continuamente nos nomes utilizados para referir a essência da manifestação. (FERNÁNDEZ, 2007, p. 167)

dar-se. Todavia, o termo do invisível, utilizado como uma forma característica de revelação da vida não é simplesmente apresentado como conceito antitético do termo do “visível”, pois isso teria como consequência a objetivação do real sentido para o qual a palavra em questão está sendo designada aqui.

No tocante à questão, o invisível é a vida na efetividade do sentimento de si, ou seja, na efetuação originária de sua fenomenalidade não sendo possível realizar nele as determinações visíveis que projetam-se à luz da evidência, pois como é apontado, na vida originária não pode haver algo exterior ou alheio a ela. Portanto, essa fenomenalidade primeira se dá para além do olhar intencional, mas em uma dimensão de interioridade radical onde se prova e se conhece a si mesma. Dessa forma, o invisível não pode se dar-se na objeção do horizonte ek-stático, mas somente a partir da afetividade como seu surgimento primordial. É assim que a vida se sente, se toca e funda sua realidade como tal, de modo que Michel Henry lança a seguinte retórica sobre o modo invisível de revelação dessa auto- impressionalidade:

Como então se revela o Interior, se nem se assemelha a um mundo? Como a vida. A vida é sentida e experienciada imediatamente, coincidindo consigo em cada ponto de seu ser, totalmente imersa em si e, esgotando-se nesse sentimento de si, ela se cumpre como *páthos*. A “maneira” pela qual o Interior revela-se a si mesmo, a vida se vive a si mesma, a impressão se impressiona imediatamente a si mesma, o sentimento se afeta a si mesmo- precedendo todo olhar e independentemente dele-, é a Afetividade¹².

Destarte, a vida não pode ser definida pela consciência, nem pelo inconsciente, ela não possui rosto, mas é o modo essencial de toda fenomenalização como o meio deste poder mais originário “da Vida que revela a consciência, no plano de uma imanência radical, ante-mundana, e que lhe outorga todo o seu ulterior poder de dar a ver e de constituir o mundo”¹³. Precisamente, a vida é esse poder de fundação de todo e qualquer ato de fenomenalidade, constituindo-se como uma auto- impressionalidade primordial de si mesma. Ela é o puro ato de experiência de si mesma como uma característica própria de sua essência, já que se constitui como autoafecção, isto é, como prova radical na efetuação do sentimento de si mesma.

¹² HENRY, 2012, p. 15.

¹³ ROSA, 2006, p. 09.

Nesse puro ato de sentir, a vida conhece a si e como já afirmado, sem que para isso seja necessário a intermediação de um sentido intencional ou de algo que não seja exclusivamente ela mesma. Nesse aspecto, a vida denota em sua essência o poder da afetividade que lhe é característica como essência originária da manifestação e o que lhe permite o conhecimento de si. Através da natureza afetiva que a vida é, possibilita-se o ato de sentir-se a si mesmo como constituição da ipseidade do ser, uma relação que se dá entre o afetante e o afetado. O que advém a nós a cada vez e que sentimos no ato da afecção já estava dado primeiramente nessa vida afetiva e originária. Diante de tal proposição, pode-se dizer que de tudo o que se faz experiência já foi radicalmente provado na vida a partir do que lhe é próprio.

Isso quer dizer que tudo o que chega até nós e nos afeta, advém originariamente através da vida em sua experiência de si mesma, dito de outro modo, tudo o que se revela no mundo já está constituindo primeiro nessa vida afetiva. É a vida que define o que nós provamos, pois tudo já se encontra determinado nela através da afetividade, ou seja, como sua essência, não necessitando de nada que ela já não possua de si mesmo. Todas as modalidades afetivas são fundadas nessa fenomenalização originária que é a vida como um poder de autorrevelação que se sente e que constitui. Portanto, como uma revelação originária ela não é passível de ser relacionada como um objeto mensurável, para tanto, como consequência dessa realidade irreduzível em seu conteúdo original não pode jamais ser reduzida ou esquecida.

De tal forma que a fenomenalização do ser pode ser definida como sendo uma manifestação derivada de uma atitude autônoma e originária da vida em si mesma. O que M. Henry pretende na fenomenologia não é anular ou distanciar-se do que foi postulado sobre a consciência, mas é abordar que na manifestação própria da vida como uma interioridade radical, é de onde tudo mais pode ser fundamentado e doado. Nessa busca da fenomenologia henryna por um fundamento ontológico verdadeiro e mais radical é então atribuída à vida essa condição a propósito de ser uma autogeração de si. Diante dessa relação, o ser exterior é fundamentalmente ligado à proposta ontológica da vida de acordo com o que vem sendo esclarecido, ou seja, como essência que o possibilita. Essa ligação da vida com o ser que lhe é exterior pode encontrar a sua explicação por meio da afecção. E isto, porque tudo o que chega até nós e que sentimos se dá na sensibilidade que é proporcionada pela afetividade através das modalidades da vida como sofrer e fruir de si.

Porque a prova radical que a vida realiza é efetuada na medida em que vivenciamo-la constantemente como uma autonomia que gere a si mesma. Por conta dessa realidade fatídica, o conceito de autoafecção é dado na fenomenologia de Henry como um conceito constitutivo dessa vida imanente que é puro sentimento de si. Como fica pressuposto, a vida é ao mesmo tempo essa autonomia, mas também é receptividade. Ela está invariavelmente entregue a si mesma nessa prova passiva, isto é, a vida imanente é impossibilitada de romper com essa realidade e escapar de si, pois ela é um padecer mais forte que a toma e a faz conhecer aquilo pelo qual ela já é.

Desse modo, para a fenomenologia henryana essa doação originária que é dada a cada si se manifesta como um *páthos*¹⁴, em que o fundo dessa manifestação pode ser reafirmado como uma afetividade no qual a vida se determina como ela é em absoluto. É então por meio de uma passividade mais radical que somos constituídos na vida através dessa primeira vinda a si que ela vem a realizar, e assim pode ser concluído que “a partir desses aspectos do pensamento henryano realça a questão da primazia da vida de acordo com o pensamento, primeiro se vive e depois ocorre o pensamento, a vida é mais originária”¹⁵.

A partir desse ato, no constante movimento da vida como afetividade, ela é incessantemente entregue a si mesma, pois está irremediavelmente sobre si mesmo como uma força que exerce e que permanece presa a si como fundamentalmente passiva. E assim, nessa “não- liberdade” está impossibilitada de separar-se de sua condição radical na qual está doada imediatamente enquanto imanência radical. A vida é então o que fundamenta a afetividade como essência da manifestação, e por conseguinte, o modo pelo qual o ser tem acesso à verdade mais originária que constitui sua subjetividade. Portanto, tal afetividade proporciona o sentimento primeiro de si no qual o ser se prova e se conhece enquanto tal.

¹⁴ “A paixão é um movimento da alma que, tocada pelo prazer ou pela dor sentida ou imaginada num objeto, o procura ou dele se afasta. Se tenho fome, busco com paixão o alimento necessário; se queimado pelo fogo, tenho uma forte paixão de dele me afastar.” (BOSSUET, *Conh. de Deus e de si próprio*, I, 6). Lat. *Passio*. Suportado, sofrer (eu suportei, sofri): ação de suportar, de sofrer, sofrimento. Corresp. ao Gr. *pathos*. (V. Compaixão e Simpatia); (Folquié, 1969). “A materialidade fenomenológica pura do “provar-se a si mesma”, própria de toda a vida e assim de todo o Si vivo no qual este “provar-se a si mesmo” se cumpre, é uma Afetividade originária ou, como agora diremos, um *pathos*. Estranha ao mundo e ao seu “fora de si”, enquanto estranha e inextática, a Vida é invisível[...] Reconduzindo à essência originária da Revelação, o invisível aponta para a realidade mais pesada e mais incontestável, aponta o *pathos* da nossa vida que faz dela e de nós aquilo que somos[...] A vida é paixão.” (HENRY, 2014, p. 38).

¹⁵ PRASERES, 2017, p. 100.

Esta é sua condição imanente, em que pela afetividade o ser é investido na vida como autoafecção e revelado a si mesmo como constituição do que lhe é mais próprio. Na fenomenologia henryana tal realidade do ser como condição originária que o impossibilita separar-se de sua verdade é a mesma que o constitui na afetividade como a sua possibilidade radical de ser subjetivo que se prova radicalmente por uma revelação efetiva como *páthos*, em outras palavras a sua origem e o seu horizonte de manifestação são a própria vida afetiva.

É nessa virada fenomenológica que M. Henry propõe como a volta a uma dimensão de interioridade mais radical, isto é, a vida, que corresponde ao ato de permanecer entregue a si mesmo para ser o que é. A essência enquanto imanência constitui uma unidade que se define a si mesmo como sua condição primordial de realização, ou seja, aquilo que é revelado e recebido é ao mesmo tempo o conteúdo que doa. Portanto fica posto o modo como a vida se experimenta a si mesma na imediaticidade de sua manifestação mais original.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tais afirmações, a forma de conhecimento da vida como concebe M. Henry compreende, como já foi apontado, a algo que não passa pela exterioridade, mas a fundamenta como sendo a sua condição de possibilidade primária, dando-se como experimentação de si e que ao mesmo passo constitui essa sabedoria imanente que pertence à vida. O movimento em que a vida se prova a si como padecimento de si, é pelo qual ela está irremediavelmente entregue a si mesma por conta de sua realidade como sendo também uma passividade original. Nessa relação absoluta consigo o sujeito é constituído e partir disso se relaciona com o mundo conforme sugere a tradição da fenomenologia.

Consequentemente, vida afetiva tomada como sendo característica de uma essência da revelação mais originária, pode receber e ser afetada unicamente por ela mesma. Essa autoafecção é o que permite a efetividade da receptividade original, de maneira que é como imanência a possibilidade mesma de sua manifestação a si. Pode-se dizer então que a recepção apresentada enquanto movimento imanente ocorre a partir de um conteúdo que já lhe é próprio, jamais recebe algo estranho que já não possua em si, ou seja, “a recepção imanente, a recepção de um conteúdo imanente, significa a identidade da essência que

recebe com o que ela recebe, com seu conteúdo”¹⁶. Portanto, além de uma originalidade própria, possui também uma autonomia que possibilita ao mesmo tempo sua afetação e sua revelação nela e por ela mesma.

Por conseguinte, para M. Henry, é a vida em imanência o fundamento original para a transcendência pois proporciona sua manifestação enquanto tal. Dessa maneira, um mundo, a saber, como horizonte de visibilidade se constitui somente a partir de uma realidade autorreveladora. E isso porque a vida nessa unidade primeira como sentimento de si está caracterizada por uma invisibilidade que se entrega somente ao conhecimento de si mesma através de sua autoafecção. Destarte, toda realidade que venha a manifestar algo, inclusive de ordem transcendental solicita seu princípio nessa interioridade radical que desvela a seu ser mesmo tudo de si.

De acordo com a definição de uma onto-fenomenologia para a estrutura que constitui a fenomenologia henryana a possibilidade da essência se dá no sentido puro de um movimento em si mesmo.

Portanto, Henry estrutura sua fenomenologia em favor de todas as determinações ontológicas que constituem sua própria essência. E em desacordo com a depreciação da vida, da afetividade e subjetividade. A fenomenologia henryana afirma que a essência da vida reside na autoafecção, nessa singularidade de sentir a si mesma e de se afetar, formando assim, o conteúdo que recebe e que afeta-a. Ressalta-se que não se trata da vida mirar-se enquanto seu próprio objeto, nem sem sentir por mediação de sentido, mas uma autoafecção originária, no sentido de ir à raiz de si, em um sentido radical.¹⁷

Ora, a vida enquanto constituição instantânea do que recebe e também do que lhe afeta tem em seu sentido mais íntimo justamente a prova de si que se realiza por meio da autoafecção. Tal que, é através do sofrer e fruir que a vida se doa como um sentimento original de si, ou seja, é desse modo que a vida conhece e determina tudo o que vem até nós. Pois tudo o que nos afeta advém como a afetividade da vida, e nunca será diferente do que ela mesmo nos oferece e desvela. Diante de tais proposições, o sentimento de si na fenomenologia da vida se constitui em uma vida imanente como sua afetividade primordial, porquanto, pode ser afirmado:

¹⁶ DUFOUR- KOWALSKA, 1980, p. 42.

¹⁷ PRASERES, 2017, p. 107.

que todo vivente não possa escapar da estrutura auto-afetiva, auto- manifesta da revelação original e absoluta da vida, independente e além de toda oposição estabelecida pelo aparecer mundano. Que o vivente não possa escapar a este modo de revelação universal que lhe concerne no mais íntimo da subjetividade se reflete perfeitamente na experiência absolutamente passiva da dor, na qual o vivente prova sua própria vida com a passividade (afetividade) que lhe acompanha no fato de fazer a experiência de provar-se, sentir-se a si mesmo em e desde a vida, e não por e a partir de si mesmo, isto é, de uma consciência de poder que separa aquilo que dá (a vida mesma) daquilo que se recebe (a vida mesma).¹⁸

Em sua absoluta autonomia, a vida afetiva possibilita a doação e a revelação de si, em uma unidade concreta entre o que ela afeta e o que é afetado. É a partir dessa experiência afetiva que se faz a constituição do Si mesmo como reconhecimento da ipseidade do ser, e onde Henry irá associar essa harmonia como possuindo por um lado a afetividade por fundamento e por outro lado também como a efetuação de sua potência de sentir-se a si mesma. Assim, nessa entrega passiva a vida está para si mesma como seu próprio saber afetivo em que se reconhece como o que é. Assim, como foi tratada na fenomenologia de M. Henry, a base para determinar o mundo do visível, da transcendência se encontra na vida como sentido imanente que revela afetivamente sua realidade mais originária proposta.

¹⁸ MARTÍNEZ, 2017, p. 23-24.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. 1º ed. brasileira coord. e revista por Alfredo Bossi; revisão da trad. e traduções dos novos textos Ivone Castilho Benedetti- 5º ed- São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUFOUR-KOWALSKA, Gabrielle. **Michel Henry Um Philosophe de la Vie et de la Praxis**. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 6, Place de la Sorbonne, V, 1980.

HENRY, Michel. **La Esencia de la Manifestación**. Trad. Miguel García- Baró e Mercedes Huarte. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

_____. **O começo cartesiano e a ideia de fenomenologia**. Trad. Adelino Cardoso. Covilhã: LusoSofia: Press, 2008. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 18 abril 2013.

_____. **O que é isto a que chamamos vida?** In: MARQUES, Rodrigo Vieira, MANZI FILHO, Ronaldo (Orgs). *Paisagens da fenomenologia francesa*. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

_____. **Ver o Invisível: sobre Kndinsky**. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: ÉRealizações, 2012.

FERNANDEZ, José L. **El problema de la noción de immanencia em Michel Henry**. UCM. Revista de Filosofia, suplemento 1, 2007, 165-172.

MARTÍNEZ, Juan P. M. **El Sufrimiento en la Vida: Reflexiones em torno a la Esencia Humana a partir de Michel Henry**. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2017.

PRASERES, Janilce. **Fenomenologia da Afetividade: Um estudo a partir de Michel Henry**. Passo Fundo: Saluz, 2017.

ROSA, José M. Silva. **O ‘ethos’ da ética**. Estudos de fenomenologia. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2006.